

CURIOSIDADES

A MORTE SOBRE A MORTE

7 Dias

O Cruzeiro

Antônio Maria

23 de junho de 1962

7 DIAS
antônio maria

**A MORTE
SÔBRE
A MORTE**

— **A** PENA de Morte. Você é contra ou a favor? — Embora me fôsse vantajoso (porque mais confortável), concordar com todos os erros e males, irremediáveis, sou contra. E não vejo nisto nenhum absurdo, porque sou, em princípio, contra a morte. A morte pura e simples, do homem que adocece, ou envelhece, e se fina. Sou contra. E tanto, que ainda não estou definitivamente convencido da minha morte. Tanto, que sempre me revolta anunciarem-me, que alguém morreu, *cercado de todo o carinho familiar e assistido por um padre*. Isto se me soa como se a família e o padre houvessem ajudado aquela morte. E, no portador de tal notícia descobro, que está dando, à morte, todo o apoio, que deveria dar ao morto. Toda a razão à morte.

Quando me dizem, resignadamente, que alguém morreu como um passarinho, começo por não aceitar e discutir a morte dos passarinhos. Tão musicais. Tão ágil, seu voo. E que vantagem existe em morrer como um passarinho? Se a morte do passarinho, ou do elefante, é igualmente triste. Tanto quanto a da flor.

Mas, perdoo, ao ser humano, desejar a morte de um semelhante. Num ímpeto, ou enquanto durar-lhe o desespero. E se, em desespero, matar, eu o perdoarei ainda.

Sou contra, porém, a Pena de Morte. A morte, que se planeja é diferente da que se deseja. Sou contra a morte sentenciada, que se idealiza e se debate, que se ordena, depois de tramá-la, escrevendo-se, em papel, como deveria ser cumprida. A morte ritualizada.

Sou contra a Pena de Morte por não salvar ninguém, no passado ou no futuro. Contra o homicídio legal, por não ter contribuído, até hoje, para que os crimes deixassem de repetir-se, mais numerosos e tão cruéis.

No momento desta crônica, anuncia-se a execução de Adolf Eichmann. Eichmann, que assassinou seis milhões de judeus, na "II Grande Guerra Mundial". Crimes, de tal maneira graves e repulsivos, que só haveria uma forma de puni-los. Se Eichmann tivesse seis milhões de filhos, ou de irmãos, e os mandassem enforcar. E isto não seria ainda punir. Seria vingar.

Não. A execução de Eichmann só seria proveitosa se, ao menos, apagasse da lembrança dos homens que, um dia, um homem praticou tantos crimes.

— Então, o que se deveria fazer de Eichmann?
— Não sei. Ninguém sabe. Ninguém soube, até hoje, o que fazer de um criminoso.

DESAMBIÇÃO ETC.

Leonardo Villar, o principal protagonista de "O Pagador de Promessas" recebeu, apenas, 80 mil cruzeiros. No dia da vitória, o produtor Osvaldo Massaini prometeu pagá-lhe decentemente. Pediu Villar:

— Se me desse um "Volkswagen", eu me daria por feliz.

E Massaini havia pensado em dar 5 milhões a Villar.

E Odete Lara disse a alguém, enquanto Glória Menezes recebia os abraços:

— Era eu que ia fazer o papel. Não pude, por causa do "Skindó". Pagava mais. Fiquei no "Skindó". Quem manda ser burra, Odete!

FACE & PERFIL



Vamos admitir que o senhor, a duras penas, tenha conseguido salvar parte dos seus salários e acumular, digamos, uma reserva de 200 mil cruzeiros. O senhor teria coragem de confiar essa economia (o seu sangue) a um moço, de 33 anos?

Faço-lhe esta pergunta, porque José Luiz de Magalhães Lins, diretor do Banco Nacional de Minas Gerais e presidente de três outros bancos poderosos tem apenas, 33 anos e, sob sua guarda, há cerca de 30 bilhões de cruzeiros. Trinta bilhões difíceis de ganhar e de guardar, como os seus 200 mil. Trinta bilhões, que pertencem a homens mais ou menos iguais ao senhor.

Mas, de José Luiz, conversando-se com ele, recebe-se, ao primeiro momento, a lição do seu equilíbrio. Poderia ser um campeão de tênis ou de golfe. É porém, um comandante de economias.

Pergunto-lhe o que acha de certa frase, muito repetida, no Rio: "Passa no Zé Luiz, que ele dá um jeito". Responde, que acredita, em cada um homem, individualmente, no brio de cada um. Afirmo que o brasileiro, o homem do povo, tornou-se, nesses últimos 10 anos, o pagador mais pontual do mundo. Acredita, principalmente, no que chama de "sentido humano do crédito".

José Luiz de Magalhães Lins nasceu em Arcos, no Oeste de Minas. Trabalha desde os 15 anos, lidando com economia e finanças. Sua virada, todos os dias, é de 12 horas. Não disse como se divertia. Casou-se com uma Melo Franco-Nabuco (Nintinha), com quem tem uma filha, chamada Ana Cecília. Acha que não será jamais um político. Pretende resistir, porque é assediante seu contato diário, com os políticos brasileiros...

Foi o primeiro banqueiro a financiar as artes e os artistas. A pintura, o teatro, o cinema, os "shows" da madrugada e as edições de livros. Um moço de 33 anos, muito sério, sem ser triste. Muito equilibrado, sem ser velho.

O CRUZEIRO, 23 - 6 - 1962